teatroviriato

13 a 28
NOVEMBRO'20

9ª EDIÇÃO

NEW AGE NEW TIME

MOSTRA DE DANÇA

PROGRAMA

13 e 14 NOV sex e sáb 21h30

70 min. // m/ 6 anos

ESTREIA

SINAIS DE PAUSA

DE **SÃO CASTRO** E **ANTÓNIO M CABRITA**

PRODUÇÃO **COMPANHIA PAULO RIBEIRO**

14 NOV sáb 18h00 *CONVERSAS*

60 min. aprox. // m/ 6 anos

CONVERSA DE CAFÉ

COM **ZEFERINO COELHO**

local **CAFÉ DO TEATRO**

18 NOV qua 21h00

75 min. aprox. // m/ 6 anos

ESTREIA

COREOGRAFIA

DE **JOÃO DOS SANTOS MARTINS**

COM **ADRIANO VICENTE** E **JOÃO BARRADAS**

entre 18 e 28 NOV *OFICINA*

LUGARES DO PÚBLICO NA DANÇA CONTEMPORÂNEA

COORDENAÇÃO **PAULA VARANDA**

20 NOV sex 21h00

60 min. // m/ 6 anos

O QUE FAZER DAQUI PARA TRÁS?

DE **JOÃO FIADEIRO** ARTISTA RESIDENTE

24 NOV ter 21h00

50 min. aprox. // m/ 6 anos

ESTREIA

FAUSTLESS

DE **MARGARIDA BELO COSTA**

27 NOV sex 21h00

60 min. // m/ 12 anos

TIMBER

DIREÇÃO **ROBERTO OLIVAN | COMPANHIA INSTÁVEL**

INTERPRETAÇÃO MUSICAL **DRUMMING GP**

IMAGEM DE CAPA criação Teresa Vale a partir de foto de *FAUSTLESS* © Antonito Photography

***PARCEIROS MEDIA NA 9ª EDIÇÃO DA* NEW AGE, NEW TIME**

ANTENA 1 GERADOR

UM PRESENTE DE PROXIMIDADE E SENSAÇÕES DO CORPO, DA DANÇA E DO TEATRO

Acontecimento anual e regular há nove anos no Teatro Viriato, em cada edição a "New Age, New Time" desenha um mapa coreográfico que percorremos para conhecer trajetos contemporâneos da dança em Portugal. É uma oportunidade a que podemos regressar repetidamente. Com o figurino de acontecimento de um festival, a mostra partilha a sucessão intensiva e mobilizadora de diferentes criações artísticas, mas diferencia-se dele pela dimensão mais intimista.

A NANT provoca movimentações sociais em torno da fruição da dança e assim alimenta um sentido de comunidade, pelos interesses e pela continuidade dos encontros no teatro num período de tempo determinado. Tem um valor socio-cultural importante. Por outro lado, na sua individualidade os espectadores podem traçar uma narrativa própria de afetos de adesão, interrogação, inquietação ou satisfação perante as criações, mas também das associações entre elas, escrutinando semelhanças, diferenças ou complementaridades. A mostra valoriza-se por exaltar o sentido estético e o pensamento crítico.

A NANT 2020 acontece num clima imposto e decisivamente diferente das anteriores. Uma nuvem escura, um cerco invisível, um tremor (ainda difuso), alertam as nossas sociedades destabilizadas por um vírus que entra por todos os lados (geográficos, do corpo humano, ou socio-económicos). Falar da pandemia é um dilema: não só evocá-la pode dar azar, como urgem alternativas à infeção do discurso público, das nossas conversas, reti-

rando-lhes o peso desta sombra; mas a abstração é impossível.

Vivemos assombrados pela omnipresença da ameaça viral e o condicionamento generalizado e obrigatório de comportamentos. De outro modo o teatro, espaço de eleição para brotarem epifanias provocadas pelas artes, pode fechar portas, talvez com uma chave única de acesso, controlada pela fibra ótica e os programas de navegação no ciberespaço, mediando com o ponto de vista da câmara um acontecimento paradoxalmente próximo e distante.

Sobre o impacto da pandemia Daniel Tércio escreveu que "todo o teatro é hoje, mais do que nunca, indispensável", pois apesar das imensas ofertas na internet que acompanham a reclusão "o cheiro, o sabor, a vibração dos outros e as ressonâncias que podem ter sobre cada um de nós, tudo isto é uma experiência que exige a presença física. Estar ao lado é sentir a diferença" [1].

Num estado de emergência inédito para as artes performativas, a NANT 2020 convoca artistas, público e programadores para momentos extraordinários de comunidade oferecendo a proximidade de sensações do corpo com a dança, no teatro. É um acto de resistência e uma oportunidade de emancipação. Quem fica dentro? Quem fica fora? O Teatro Viriato receberá artistas e público com a eficiente e afável equipa que lhe conhecemos, agora com redobrados cuidados para assegurar o conforto e segurança de todos. Quem são os criadores desta edição da NANT? Que peças trazem para nos inquietar ou confortar?

Um protagonista no movimento da Nova Dança Portuguesa dos anos 1990 em Portugal, João Fiadeiro transporta no seu corpo imponente e afectuoso uma importante carreira na pesquisa com a dança, e sobre o dispositivo performativo, que inspirou bailarinos, actores e novos criadores a explorarem o terreno incerto da composição em tempo real. Artista residente no Teatro Viriato desde 2018, Fiadeiro

1 Tércio, D. "As Artes (estão) Vivas", *Jornal de Letras*, edição 8 a 21 de abril 2020.

atravessa já nessa condição uma situação crítica: o fecho do Atelier RE.AI, a sua casa artística em Lisboa. Foi numa realidade nómada, estacionada temporariamente na cidade de Nice, que o coreógrafo preparou os trabalhos que vem estrear ou repor a Viseu. O filme "Nada Pode Ficar", documenta o despejo que Fiadeiro viveu como performance (celebrando coletivamente todas as etapas num prolongado velório), realizado por Maria João Guardão, cúmplice da dança portuguesa há largos anos. No espectáculo "O que fazer daqui para trás?", um microfone iluminado no palco instala a presença da ausência e do silêncio e, sucessivamente, entrarão personagens ofegantes e oriundos de uma corrida contra o tempo, que nos afligem pela descrição de um mundo em desagregação e nos divertem com problemas do quotidiano.

Também de um tempo nascente da dança contemporânea portuguesa é a Companhia Paulo Ribeiro, que fixou residência em Viseu em 1998 e, no presente, é dirigida por uma 'segunda' geração de coreógrafos. Em 2016, São Castro e António M Cabrita aceitaram a responsabilidade de continuar um projeto, ousado e ímpar, de enraizamento de uma companhia de autor numa cidade até então periférica aos fluxos nacionais e internacionais da República da Dança. Castro e Cabrita chegaram a Viseu com um louvável percurso que lhes permitiu assumir com naturalidade e entusiasmo o futuro de uma importante companhia de autor, demonstrando compatibilidade e renovação de valores estéticos e éticos. A companhia abre a NANT, com a estreia de "Sinais de Pausa", um dueto dos intérpretes-criadores, inspirado pelas fragilidades do ser humano retratadas na escrita de José Saramago.

Ainda antes da viragem do século, surgiu no Porto a Companhia Instável que abriu um espaço, inédito no país, para encontros com coreógrafos estrangeiros de renome e muito favorável à afirmação de novos bailarinos. Depois de Wim Vandekeybus, Emmanuelle Huynh e muitos outros, é a vez do catalão Roberto Olivan desafiar o talento dos bailarinos que vivem em Portugal. Internacionalmente premiado, Olivan propõe com "Timber", em forma de intensa fisicalidade e interação, uma procura no profundo interior individual dos motivos para a disfunção coletiva e a auto-destruição. Participa nesta criação o grupo Drumming GP, cuja relação com a dança é já madura e tem gerado espetáculos tão delicados quanto arrebatadores.

Firmando posição já na segunda década do século XXI, um tempo de novas linguagens coreográficas e apropriações temáticas preconizadas por uma 'terceira' geração, Margarida Belo Costa vem das Caldas da Rainha e destacou-se em Portugal numa área onde o movimento atlético e virtuoso sintoniza a transpiração das emoções com questões morais e sociais. Pressentimos afinidades com o trabalho de Cabrita, Castro e Olivan. A atenção que Belo Costa tem dado às representações do feminino, dos casais e da (des) igualdade de género, chega agora com uma estreia à NANT. Partindo da luta entre o bem e o mal narrada por Goethe em Fausto (séc. XIX), "Faustless" revê o papel da mulher nesse texto e afere a sua permanência na sociedade atual.

Nascido no final dos anos 80, João dos Santos Martins dedicou uma boa parte do seu trabalho à historiografia da dança, interrogando a disciplina e mostrando o seu desenvolvimento no tempo e nas dimensões estéticas, sociais e políticas. Esta demanda, que lhe valeu o prémio SPA em 2015, e à qual o coreógrafo se dedica com interesse e resultados singulares, tem familiaridade com a escolha de Fiadeiro pesquisar sobre o próprio meio. Santos Martins vai questionar a premissa de que a dança não fala (literalmente), buscando nos documentos de notação coreográfica do séc. XVIII a escrita da dança que, nesse tempo, antecedia a prática.

A NANT é um acontecimento feito de múltiplos: momentos, vozes, criações. Os "ritmos afetivos" – que Ana Pais designa como movimento de afetos no encontro público e em acção do dispositivo teatral [2] – surgem em resposta a obras elaboradas pelos artistas. Em 2020 dispõe-se uma combinação de propostas que, com maior ou menor consciência, será interpretada pelo público com a influência do nosso quotidiano condicionado e do futuro incerto. Não se trata de projetar na NANT 2020 uma expetativa de obediência das artes – epicentros de criação e provocação reflexivos do eu e do mundo – ao que nos está a acontecer e cujo futuro pressentimos, mas desconhecemos. A humanidade reflectida

2 Pais, A. 2018, Ritmos Afectivos nas Artes Performativas, Colibri.

nas criações poderá ajudar-nos a viver este presente; mas libertemos a dança dessa obrigação e disfrutemos dos encontros de sensação com esta arte do corpo, por onde significados e evocações premeiam intensificando uma experiência, porventura sem explicações.

E quando não pudermos juntar-nos? E se nos remeterem para os encontros tecnologicamente mediados? Então estaremos já a trabalhar no futuro, pois a sobrevivência da dança está em causa e será necessário pesquisar muito sobre as formas de a preservar no universo cultural das comunidades, como criação e como fruição, como experiência e como reflexão. Começaremos de imediato, a inventar - artistas, público e programadores de mãos dadas, como recentemente referiu em entrevista a nova Diretora Artística Patrícia Portela: "tem de se manter essa corrente sempre ligada".[3]

Considerando os atributos já reconhecidos a esta mostra, como o seu contributo para o estado da arte e o seu potencial para criar lugares de comunidade e coesão emocional, é com expectativa que pensamos no futuro desta da "New Age, New Time". Em Maio, António Pinto Ribeiro desafiava a comunidade artística a reflectir sobre "o que deve, pode e está disposta a fazer, no contexto complexo de um mundo que vai atravessar tempos difíceis, porventura mais trágico".[4] *Como será a NANT 2021?*

Paula Varanda,
Investigadora Associada no Instituto de História da Arte,
FCSH_Nova de Lisboa
(escrito segundo o antigo acordo ortográfico)

3 Portela, P. em entrevista com Camilo Soldado, Público, 31 de outubro 2020.

4 Pinto Ribeiro, A. "Por onde começar?", Público, 27 de maio 2020.

13 e 14 NOV

sex e sáb 21h30

© Carlos Fernandes

SINAIS DE PAUSA

de **SÃO CASTRO** e **ANTÓNIO M CABRITA**
produção **COMPANHIA PAULO RIBEIRO**

ESTREIA

"Ensaio sobre a Cegueira", "As Intermitências da Morte", "Memorial do Convento", "Objecto Quase", "A Viagem do Elefante", e tantas outras obras de José Saramago inspiraram São Castro e António M Cabrita, diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro (Companhia Residente no Teatro Viriato), a criar "Sinais de Pausa".

Mais do que uma tentativa de transpor as obras do escritor nobilizado para a dança, os coreógrafos propõem-nos uma viagem pelas palavras e personagens, temas e perspectivas de Saramago, assim como na linha de construção da sua escrita. E o que se revela em palco é, acima de tudo, o sentido de humanidade, repleto de contrastes, fragilidades e contradições através de referências literárias, mas permitindo ao público desviar-se no caminho para encontrar apenas o compromisso livre e inquieto que também faz parte de José Saramago.

O que sobe a palco é a fisicalidade das palavras de Saramago, a sua intenção e força dramática no corpo. A sensação de fluxo de consciência, sendo a fala uma melodia ansiosa e inesgotável – e é assim que o escritor pensa a palavra, destinada à orali-

dade para despertar – o corpo é o recipiente do sentir, contém a urgência e a memória pausada de histórias que se revelam nos mais pequenos gestos e movimentos.

José Saramago é exímio a questionar o papel do ser humano e é este questionamento que tece a escrita coreógrafica. A construção de uma estrutura com significados produzidos pelo próprio corpo em constante diálogo com o outro.

70 min. // m/ 6 anos

Conceito, coreografia a e interpretação **São Castro e António M Cabrita** · Desenho de luz **Nuno Meira** · Cenografia **Fernando Ribeiro** · Música **Philip Glass, Erik Satie, Machinefabriek, Arvo Pärt, Johann Sebastian Bach** e tema original e adaptado de **São Castro** · Produção **Companhia Paulo Ribeiro**

Coprodução **Teatro Viriato, Viseu; Teatro Diogo Bernardes, Ponte de Lima; Casa da Criatividade/ Câmara Municipal de São João da Madeira** · Apoio **Fundação José Saramago** · A Companhia Paulo Ribeiro é uma estrutura nanciada pela **República Portuguesa – Cultura/Direção-Geral das Artes**

ENTREVISTA A SÃO CASTRO E ANTÓNIO M CABRITA

COMO TRADUZEM, EM PALAVRAS, ESTA NOVA CRIAÇÃO, "SINAIS DE PAUSA"?

SÃO CASTRO (SC) O "Sinais de Pausa" pretende ser uma abordagem coreográfica do universo literário de José Saramago. A nossa decisão não foi escolher uma obra específica deste autor mas, sim, viajar um pouco pelo seu universo, por alguns livros, e retirar histórias, personagens, ações, estados de espírito que nos levassem a traduzir tudo isso no corpo. É uma forma física de olhar para o universo de Saramago.

ANTÓNIO M CABRITA (AMC) Foi também uma ideia que tínhamos já há muito tempo. Depois do "Wasteland", a nossa primeira peça, fizemos uma abordagem ao universo

© Carlos Fernandes

de Shakespeare para trabalhar a condição humana e logo após essa peça tivemos a ideia de nos desafiarmos a criar uma espécie de tríptico: depois de trabalhar a palavra, com Shakespeare, passámos à imagem através da obra de Henri Cartier-Bresson como base inspiradora para "Rule of Thirds" e, por fim, "Last" uma peça em que a música de Beethoven – "The Late String Quartets" – seria aliada da nossa criatividade. Neste caso, esta peça baseada no universo literário de José Saramago é o culminar de todo este processo numa construção mais abrangente. Quando olho para a peça vejo que tem presente uma série de coisas que fomos descobrindo com os outros trabalhos. Aprofundámos a nossa relação com a palavra mas também a nossa identidade e sensibilidade poética como autores. É uma peça cheia de pormenores, de momentos que são desenhados a partir do texto mas também momentos que são desenhados a partir do detalhe dramatúrgico.

COMO FOI FEITA A ESCOLHA DE JOSÉ SARAMAGO COMO INSPIRAÇÃO PARA ESTE TRABALHO?

SC Esta nossa vontade de nos voltarmos a apropriar daquilo que construímos em termos coreográficos só podia acontecer se fizesse imenso sentido. Queríamos trabalhar um autor português mas inicialmente não sabíamos de que área artística. E de repente, a escrita e a realidade na obra de José Saramago fez sentido para este regresso.

AMC No meu caso – e acho que no caso da São também – há uma identificação com a linguagem de José Saramago que é altamente complexa, profunda, no sentido do significado das coisas, mas ao mesmo tempo tem um lado simples. E esse contraste entre esses dois lugares faz com que a obra dele se aproxime muito da nossa metodologia de pensar e de trabalhar criativamente. Nós somos muito elaborados no desenho e na criação do nosso movimento, mas somos muito simples na abordagem porque queremos chegar às pessoas, queremos falar com o nosso público. A abordagem de Saramago aos temas e assuntos é muito realista, mesmo que seja utópica e que trate conceitos que não são reais, a sua descrição é muito física, muito carnal, e até muito simples – no sentido humano, quase animal – e nós também somos assim. Gostamos de trabalhar o corpo dessa forma, gostamos de trabalhar com essas ferramentas. Nós já tínhamos lido Saramago antes de pensar nesta peça – antes até de pensar em sermos coreógrafos – mas, depois de entrar no universo dele com um novo objetivo, ainda nos aproximámos mais. Mesmo na própria construção da peça, chegámos a um momento em que foi super claro para onde queríamos ir, quase como se a peça nos dissesse: é isto que eu sou.

SC Para mim, Saramago vai aos meandros do que é a natureza humana. Ele trabalha o humano, as pessoas são importantes na obra dele, assim como o público é importante para nós. Há um objetivo de contacto com as pessoas e há uma ligação muito grande na obra de Saramago, na escrita dele com o leitor. Essa ligação é também um objetivo nosso. Principalmente porque há muita gente que considera a escrita de Saramago complexa, densa. E eu relaciono muito isto com a reação do público à dança já que, normalmente, diz: É complexo, não percebi, o que é que está por detrás daquilo? E há essa desconstrução que nós queremos como desafio para nós mesmos. Tentar, – com as palavras, com as ações, com os estados de espírito e com o próprio pensamento de Saramago sobre certos temas – colocar isso no corpo e falar às pessoas sobre esses temas, essas questões. Há muito questionamento, tanto na escrita como no ato coreográfico e essa relação é-nos importante. Saramago dizia que escrever é quase como criar música. Talvez ele nunca tenha pensado que escrever no corpo é quase como escrever no papel.

© Carlos Fernandes

CONSEGUIREMOS IDENTIFICAR A OBRA DO AUTOR EM "SINAIS DE PAUSA"?

AMC Para quem conheça bem a obra de José Saramago, em todos os momentos vai conseguir sentir referências porque nós internamente sabemos o que é. Não temos o intuito de as revelar na execução da peça, mas todos os momentos vêm de palavras ou de textos ou mesmo de momentos ou de personagens. Claro que essa identificação vai oscilando. Há momentos em que somos mesmo personagens, há momentos em que somos uma ideia daquele livro, há momentos em que somos quase uma apropriação dramatúrgica de um estado de espírito que uma parte de um livro nos suscita...

SC Há uma frase coreográfica que é a tradução no corpo de todos os títulos das obras de José Saramago...

AMC E há uma coisa interessante que descobrimos no decorrer da construção da peça. Quando se começa a ler um autor e as suas várias obras percebemos que há aspetos que se contaminam e há personagens que vêm da mesma energia e se relacionam. Há uns que o são assumidamente – como, por exemplo, o cão das lágrimas que aparece em vários livros e que é descrito objetivamente – mas depois temos outros personagens de livros diferentes que nós próprios fomos percebendo que se assemelham. E é isto que também é interessante – e isso nós nunca tínhamos feito – como tivemos tempo de entrar em muita da obra do autor conseguimos começar a perceber esta relação

entre os vários personagens e como é que José Saramago trabalhava estas construções literárias. Por isso, há momentos da peça que podem ser várias coisas.

SC Às vezes, na peça estamos só a dissecar um pensamento qualquer do próprio Saramago. Porque, para além dos livros que fomos lendo, foi importante, para nós, vermos certas entrevistas, certos documentários e com isso também retirámos muito da linha do pensamento e da linha criativa que o Saramago impunha na sua escrita. A forma como ele escrevia, como começava uma obra, qual era a primeira coisa a fazer para escrever um novo livro, por exemplo. E às vezes somos só isso, um corpo que está a tentar chegar perto, a questionar algo e que o próprio José Saramago também questionava.

SÃO CASTRO

Iniciou a sua formação em dança no Balleteatro Escola Profissional de Dança e de Teatro do Porto (1995-1998) e em 2002 concluiu a sua licenciatura em Dança pela Escola Superior de Dança, do Instituto Politécnico de Lisboa.

O seu percurso na interpretação iniciou-se no Balleteatro Companhia, entre 1997 e 1999; tendo passado, posteriormente, pela Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo (entre 2001 e 2004), pelo Ballet Gulbenkian (2004/2005) e pela Companhia Instável (2012). Enquanto intérprete trabalhou com coreógrafos como Né Barros, Isabel Barros, Rui Lopes Graça, Benvindo Fonseca, Sofia Silva, Vasco Wellenkamp, Paulo Ribeiro, Hofesh Shechter, Olga Roriz, Clara Andermatt, André Mesquita, Tânia Carvalho, Luís Marrafa, entre outros.

Em 2009, iniciou-se na coreografia com a criação do solo "aTempo" e, nos anos seguintes, coreografou para a Companhia de Dança do Algarve; para a Escola de Dança do Conservatório Nacional, com apresentação no *International Youth Festival Expression* (Grécia); Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo; Projecto Quorum (2015) e Companhia de Dança de Almada (2016).

Entre 2011 e 2016, desenvolveu em colaboração com o coreógrafo e bailarino António M Cabrita o projeto |acsc|. Em 2015, os dois coreógrafos foram distinguidos com o *Prémio Autores* da Sociedade Portuguesa de Autores na categoria *Melhor Coreografia* com a peça "Play False" tendo sido nomeados na mesma categoria, em 2016 e 2017 com as peças "Tábua Rasa" e "Turbulência", ambas em cocriação com Henriett Ventura e Xavier Carmo, numa coprodução entre a Companhia Nacional de Bailado e a Vo'Arte. A peça intitulada "Rule of Thirds", estreada em abril de 2016, foi considerada pelo jornal *Público* como um dos melhores espetáculos de Dança desse ano. Foi distinguida pelo Instituto Politécnico de Lisboa com a *Medalha de Prata de Valor e Distinção* (2016). Em 2017, a convite de Luísa Taveira, São Castro e António M Cabrita criaram "Dido e Eneias" para a Companhia Nacional de Bailado.

É convidada pelo Município de São João da Madeira, no âmbito comemorativo do *Dia Mundial da Dança*, para fazer a curadoria do evento "A cidade dança".

São Castro e António M Cabrita são, atualmente, diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro. A primeira peça que criaram enquanto diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro, "Um Solo para a Sociedade" estreou em junho de 2017. Em 2018, estrearam "Box 2.0 – Instalação Holográfica". E, em 2019, depois da colaboração em "Todos, Alguém, Qualquer Um, Ninguém", de Luiz Antunes, estrearam "LAST", peça para 5 bailarinos com música ao vivo pelo Quarteto de Cordas de Matosinhos, tendo sido também convidados no mesmo ano, pelo Théâtre de la Mezzanine (França) a assumir a direção coreográfica da ópera "Orphée et Eurydice" com encenação de Dennis Chabroullet.

ANTÓNIO M CABRITA

Licenciado pela Escola Superior de Dança, do Instituto Politécnico de Lisboa (2008), António M Cabrita fez também formação na Escola de Dança do Conservatório Nacional (2000) e estudou Dança no Joffrey Ballet School, Nova Iorque (2001). Paralelamente à sua formação em Dança, fez o curso de Cinema da New York Film Academy (2001) e o curso de Criatividade Publicitária da Restart, Lisboa. Tem desenvolvido trabalho como bailarino, coreógrafo, vídeo-designer e sonoplasta.

Como bailarino trabalhou com coreógrafos como Rui Horta, Né Barros, Silke Z., António Tavares, Tânia Carvalho, Ana Rita Barata, Pedro Ramos, Felix Lozano, Paulo Ribeiro e Luís Marrafa, entre outros. Participou em projetos e festivais tais como o projeto *Colina*; *Repérages*; *Festival Temps D'Image*; *Festival In Shadow*; *New Age, New Time* (Teatro Viriato, Viseu). Entre 2007 e 2015 foi artista residente na companhia alemã SilkeZ./Resistdance. António M Cabrita iniciou-se na coreografia, em 2009, com a criação do projeto "To Fail". Em 2014, foi nomeado como coautor da peça "Abstand" do coreógrafo Luís Marrafa para o *Prémio Autores* da Sociedade Portuguesa de Autores, na categoria *Melhor Coreografia*.

Entre 2011 e 2016, desenvolveu em colaboração com a coreógrafa e bailarina São Castro o projeto |acsc|. Em 2015, os dois coreógrafos foram distinguidos com o *Prémio Autores* da Sociedade Portuguesa de Autores na categoria *Melhor Coreografia* com a peça "Play False" tendo sido nomeados na mesma categoria, em 2016 e 2017 com as peças "Tábua Rasa" e "Turbulência", ambas em cocriação com Henriett Ventura e Xavier Carmo, numa coprodução entre a Companhia Nacional de Bailado e a Vo'Arte. A peça intitulada "Rule of Thirds", estreada em abril 2016, foi considerada pelo jornal *Público* como um dos melhores espetáculos de dança desse ano. Foi distinguido pelo Instituto Politécnico de Lisboa com a *Medalha de Prata de Valor e Distinção* (2016). Em 2017, a convite de Luísa Taveira, António M Cabrita e São Castro criaram "Dido e Eneias" para a Companhia Nacional de Bailado.

António M Cabrita e São Castro são, atualmente, diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro. A primeira peça que criaram enquanto diretores artísticos da Companhia Paulo Ribeiro, "Um Solo para a Sociedade" estreou em junho de 2017. Em 2018, estrearam "Box 2.0 – Instalação Holográfica". E, em 2019, depois da colaboração em "Todos, Alguém, Qualquer Um, Ninguém", de Luiz Antunes, estrearam "LAST", peça para 5 bailarinos com música ao vivo pelo Quarteto de Cordas de Matosinhos, tendo sido também convidados, no mesmo ano, pelo Théâtre de la Mezzanine (França) a assumir a direção coreográfica da ópera "Orphée et Eurydice" com encenação de Dennis Chabroullet.

COMPANHIA PAULO RIBEIRO

Criada em 1995, a Companhia Paulo Ribeiro é uma companhia portuguesa de dança contemporânea, com um repertório próprio de peças, maioritariamente, criado por Paulo Ribeiro (tendo recebido vários prémios nacionais e internacionais); mas também por outros criadores convidados. Estrutura residente no Teatro Viriato desde 1998, é a partir daí que desenvolve a sua atividade de pesquisa, de criação, de produção, de difusão e de formação em dança contemporânea. Atualmente, é dirigida pelos bailarinos e coreógrafos São Castro e António M Cabrita.

A par da implementação do projeto artístico do Teatro Viriato em 1998; em 2005, a Companhia Paulo Ribeiro foi também responsável pela criação da escola de dança *Lugar Presente* (Viseu) com Ensino Artístico especializado em dança.

Com um repertório de mais de 30 produções, a Companhia Paulo Ribeiro é uma das mais reconhecidas companhias de dança contemporânea portuguesas.

Além dos principais eixos de atividade, a Companhia Paulo Ribeiro tem ainda promovido a edição. Em 2005, foi lançado o livro "Corpo de Cordas", da autoria de Cláudia Galhós, uma edição comemorativa dos 10 anos de existência da Companhia; e em 2015, foi a vez de "Uma Coisa Concreta", um livro coordenado por Tiago Bartolomeu Costa, que reúne um conjunto de textos de Isabel Lucas, Luísa Roubaud, Maria de Assis, Mónica Guerreiro e Paula Varanda.

14
NOV

sáb 18h00 CONVERSAS

© DR

CONVERSA DE CAFÉ
com ZEFERINO COELHO

Quando uma editora tem a sorte de alcançar um êxito enorme com um livro, e além disso, com um livro que não é mau, isso tem uma agradável consequência: atrai os autores." afirma o editor Kurt Wolff (1887-1963). "Foi o que me aconteceu quando editei o primeiro livro de Saramago." afirma Zeferino Coelho, o editor que confessa ter "a melhor profissão do mundo".
***in Público*, março de 2019**

Zeferino Coelho, editor da Caminho/Leya e único editor nobilizado da língua portuguesa, tendo sido editor de José Saramago durante quarenta e cinco anos, é também o editor de Mia Couto, Ondjaki, Daniel Sampaio, Alice Vieira, Alexandra Lucas Coelho, Sandro William Junqueira ou Joana Bértholo.

A propósito da estreia de "Sinais de Pausa", de São Castro e António M Cabrita, que nasce a partir de uma reflexão sobre o universo literário de José Saramago , e na impossibilidade de ter o próprio autor connosco na sala de espetáculos, nada melhor do que convidar aquele que foi o seu primeiro editor para assistir ao espetáculo e vir falar da sua obra.

Nesta conversa de café, contaremos com a presença dos coreógrafos São Castro e António M Cabrita.

ZEFERINO COELHO

Nasceu em Paredes, em 1945. É licenciado em Filosofia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Começou a trabalhar como editor em 1969 na Editorial Inova, onde esteve até ao ano de 1971. Em 1977, entrou para a Editorial Caminho, onde se mantém desde então.

Foi editor do Nobel José Saramago e de sete vencedores do Prémio Camões: Arménio Vieira e Germano de Almeida, José Craveirinha e Mia Couto, Luandino Vieira, José Saramago e Sophia de Mello Breyner Andresen.

Atualmente é também o editor de Ondjaki, Daniel Sampaio, Alice Vieira, Alexandra Lucas Coelho, Patrícia Portela, Sandro William Junqueira e Joana Bértholo.

Em 2019, recebeu a condecoração, pelo Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa, de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

entre 18 e 28 NOV

qua, qui e sáb

OFICINA

© Jorge Branco

LUGARES DO PÚBLICO NA DANÇA CONTEMPORÂNEA

coordenação **PAULA VARANDA**

SESSÃO PRESENCIAL

18 NOV // qua 18h30 às 20h00

SESSÕES ONLINE

19 NOV // qui 18h30 às 20h00

21 NOV // sáb 15h00 às 16h30

25 NOV // qua 18h30 às 20h00

26 NOV // qui 18h30 às 20h00

28 NOV // sáb 15h00 às 16h30

Quando o mundo da realidade física e da reunião social num Teatro se fecha, o que acontece ao lugar do público?

Com as plateias vazias durante o período do confinamento, os palcos digitais sobrepuseram-se aos dispositivos tradicionais de fruição cultural. Quem assistiu? Como foi? Os artistas e o público não estavam preparados para este desencontro. Como somos e quando e onde somos espectadores? Nesta segunda

edição da oficina "Lugares do Público na Dança Contemporânea", Paula Varanda aborda esta questão transformando-a em hipotéticas soluções.

Os participantes poderão regressar à vivência física do Teatro, exprimirem-se como público em estúdio, discutirem os trabalhos em foyers digitais, analisarem as suas afinidades com as obras, partilharem reflexões escritas, e experimentarem a visita em grupo de um acontecimento cultural ao vivo ou no ciberespaço.

A oficina, que tem como ponto de partida a programação da "New Age, New Time", é constituída por três sessões presenciais para introdução dos participantes a exercícios de memória e apreciação estética e crítica; e três sessões online de partilha de experiências, opiniões e escrita sobre as obras.

PAULA VARANDA

É doutorada em Estudos Artísticos e Humanidades pela Middlesex University de Londres e é licenciada pela Escola Superior de Dança em Lisboa.

Coordenou e produziu vários projetos artísticos, lecionou em diversas instituições e tem obra publicada, nomeadamente no campo da dança e da educação, e da dança e novas tecnologias, de que destaca a colaboração com o jornal *Público* como crítica e o livro *Dançar é Crescer* – Aldara Bizarro e o *Projeto Respira* (Caleidoscópio 2012).

Entre 2008 e 2015, foi diretora artística do projeto *Dansul – dança para a comunidade no sudeste alentejano* - realizado em parceria com quatro autarquias e várias escolas.

Foi Diretora-Geral das Artes no Ministério da Cultura (2016-2018).

Desde 2019, é Investigadora Associada no Instituto de História da Arte em Lisboa (IHA_FCSH/UNL).

18
NOV

qua 21h00

© José Carlos Duarte

COREOGRAFIA

de JOÃO DOS SANTOS MARTINS
com ADRIANO VICENTE e JOÃO BARRADAS

ESTREIA

Numa conferência-performance intitulada "Salário Máximo", apresentada na Assembleia da República Portuguesa, em Lisboa, em 2014, Vera Mantero dizia que a dança lhe parecia a arte menos apropriada para falar do que quer que fosse. Segundo a artista, seria mais simples veicular uma ideia concreta no cinema ou na literatura. Esta afirmação sustenta uma ideia comum de que a dança não pode falar, sendo, no entanto, utilizada como metáfora para o pensamento. O aparente conflito aponta para a relação entre política e poética, que poderia ser expresso na dicotomia entre escrita de texto – permeável à tradução – e composição de gestos, ações e movimentos.

Tal como imaginada por Raoul Feuillet no seu tratado do século XVIII, a dança seria primeiro redigida em papel, através do sistema de notação por si criado, e só depois interpretada e transposta para o corpo. Existia uma verdadeira separação entre uma idealização, escrita como lei, e uma realidade dançada, fruto de uma prática, no chão. O processo de transmissão seria como "dançar" uma língua e "falar" uma dança, um processo em que texto e corpo interagem numa lógica de negociação entre expressão e comunicação.

João dos Santos Martins, julho de 2020

75 min. aprox. // m/ 6 anos

Coreografia **João dos Santos Martins** · Interpretação **Adriano Vicente** · Música e interpretação ao vivo **João Barradas**
Texto **José Maria Vieira Mendes** · Texto adaptado para LGP **Sofia Fernandes** · Figurinos **Constança Entrudo**
Luzes **Filipe Pereira** · Produção **Sofia Matos/Materiais Diversos** · Produção executiva **Claraluz Keiser/Associação Parasita e Association Mi-Maï** · Coprodução **Alkantara, Associação Parasita, Centro Cultural Vila Flor, Materiais Diversos** · Residências artísticas **Espaço Alkantara, Centro Cultural Malaposta, Estúdios Vítor Córdon, 23 Milhas**
Agradecimentos **Anna-Sofie Lugmeier, Haeju Kim, Sandra Gorete Coelho, SeMA – Seoul Museum of Art, Thomas Hitchcock** · Materiais Diversos, Associação Parasita e Alkantara são financiadas pela **República Portuguesa | Cultura – Direção Geral das Artes.**

PROGRAMA

I. A "coreografia da frase" em Língua Gestual Portuguesa

II. A Sarabanda

Música: "Suite Inglesa No. 3" em Sol menor, BWV 808 (c.1713) de Johann Sebastian Bach (Eisenach, 1685 – Leipzig, 1750). Transcrição da partitura original para acordeão: João Barradas.

III.

Música: a partir de "Horse Sings from Cloud" (1975) de Pauline Oliveros (EUA, 1932–2016).

IV. "A Passacalha de Armide"

Coreografia: a partir de "Passacaille" de Guillaume-Louis Pécour, publicada em "Nouveau recueil de danse de bal et celle de ballet" (Paris, [c.1713]), p.79).

Música: "Passacaille" de Jean Baptiste Lully (Florença, 1632 – Paris, 1687) para a *tragédie en musique* "Armide" (1686) de Jean Baptiste Lully e Philippe Quinault (libretto). Transcrição da partitura original para acordeão: João Barradas.

V.

Música: a partir de "Horse Sings from Cloud" (1975) de Pauline Oliveros (EUA, 1932–2016)

VI. "As ornamentações da mesma Sarabanda"

Música: "Suite Inglesa No. 3" em Sol menor, BWV 808 (c.1713) de Johann Sebastian Bach (Eisenach, 1685 – Leipzig, 1750). Transcrição da partitura original para acordeão: João Barradas.

VII. A "coreografia da frase" em Língua Portuguesa e Língua Gestual Portuguesa

Nota: O programa pode sofrer alterações por variadíssimas razões.

JOÃO DOS SANTOS MARTINS

João dos Santos Martins (Santarém, 1989) é um artista cujo trabalho abrange várias formas como a coreografia, a investigação e a edição. Desde 2008, tem articulado a sua prática entre a produção de peças e a colaboração como bailarino com artistas como Ana Rita Teodoro, Eszter Salamon, Moriah Evans e Xavier Le Roy. Desde 2017, organizou o ciclo "Nova – Velha Dança" em Santarém; criou, com Ana Bigotte Vieira, um dispositivo para a historicização coletiva da dança em Portugal – "Para Uma Timeline a Haver"; fundou um jornal – "Coreia" – dedicado a produzir discursos sobre as artes e os artistas; e organizou o plano de estudos para o programa *PACAP 4* do Forum Dança.

ADRIANO VICENTE

Adriano Vicente (Lisboa, 1991) é bailarino e performer. Iniciou a sua formação em dança, em 2007, no Quorum Academy, em 2013 integrou o curso PEPCC do Fórum Dança, em Lisboa, que abandonou para ingressar na P.A.R.T.S., em Bruxelas. Colaborou em diferentes projetos, entre os quais "Dawn" (2016) de Marten Spanberg, "Louisianna" e "The Olympics" de Nikima Jagudajev, "2018" de André e. Teodósio e "Xtraordinário" do Teatro Praga. Além destes trabalhos, colabora ainda com o DJ Audiopath num projeto que tenta aliar a música eletrónica, a dança e o corpo.

JOÃO BARRADAS

João Barradas (Porto Alto, 1992) é acordeonista, movendo-se entre a música clássica, o jazz e a música improvisada, trabalhando com compositores como Luís Tinoco, Fabrizio Cassol ou Dimitris Andrikopoulos. Realiza trabalho de pesquisa, transcrição e composição de música original para o seu instrumento. Venceu o *Troféu Mundial de Acordeão*, a *Coupe Mondiale*, o *Concurso Internacional de Castelfidardo* e o *Concurso Internacional Okud Istra*. Enquanto acordeonista de jazz, Barradas gravou para a editora Inner Circle Music (NY) o seu primeiro álbum "Directions" que foi nomeado para "Melhor Álbum do Ano" pela revista *Downbeat*.

JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES

José Maria Vieira Mendes (Lisboa,1976).

Escreve e traduz para teatro. É, desde 2008, membro da companhia Teatro Praga. Algumas das suas peças foram já traduzidas para inglês, francês, italiano, espanhol, polaco, norueguês, romeno, eslovaco, sueco e alemão, com produções na Alemanha, Suécia e Escócia.

Foi distinguido com o *Prémio Revelação Ribeiro da Fonte 2000*, do Instituto Português das Artes do Espetáculo, *Prémio ACARTE/Maria Madalena Azeredo Perdigão 2000*, da Fundação Calouste Gulbenkian, *Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva 2006*, atribuído pelo Instituto Camões e Funarte pela peça "A Minha Mulher".

FILIPE PEREIRA

É coreógrafo, bailarino e designer floral. Como coreógrafo destaca as peças "Nova Criação" e "O que fica do que passa", em colaboração com Teresa Silva; e "Hale – Estudo para um organismo artificial", em colaboração com Aleksandra Osowicz, Inês Campos, Helena Martos e Matthieu Ehrlacher. Como bailarino tem vindo a trabalhar com João dos Santos Martins, Sofia Dias & Vítor Roriz, Dinis Machado, Beatriz Cantinho e Martine Pisani, entre outros. Como designer desenvolve o seu recente projeto *Antese*, em que cria composições florais para diversos fins.

20
NOV

© Guto Muniz

O QUE FAZER DAQUI PARA TRÁS?

de **JOÃO FIADEIRO** Artista Residente

Um corpo exausto entra em cena e corre até ao microfone colocado no centro do palco. Ofegante, partilha com o público a ideia de ausência de direção. Tudo pode acontecer a partir daquele momento. A esta figura somam-se mais quatro corpos. Um de cada vez, compartilham uma qualquer ideia fragmentada.

Assim tem início "O que Fazer Daqui para Trás?", uma performance, dirigida pelo coreógrafo João Fiadeiro, que explora o tempo enquanto unidade duracional, suspensa ou intervalar. Os performers exercitam no palco uma crítica à sensação avassaladora de urgência e à rotina acelerada que se vive.

Afinal porque corremos, do que fugimos? O que nos impede de parar e esperar pelos outros, sem impor a ideia constante de partida?

60 min. // m/ 6 anos

Proposta e direção **João Fiadeiro** · Performers e cocriação **Adaline Anobile, Carolina Campos, Márcia Lança, Julián Pacomio e Daniel Pizamiglio** · Assistentes de direção **Carolina Campos e Daniel Pizamiglio** · Desenho de Luz **Colin Legras** · Direção Técnica **Santiago Tricot** · Desenho de legendas **Stephan Jürgens** · Produção executiva **Atelier RE.AL/Marta Moreira** · Coprodução **Teatro Maria Matos (Lisboa) e Teatro Rivoli (Porto)**

Após 8 anos de pausa na criação de grupo, seria justo dizer que esta é a primeira peça de um novo ciclo. Tudo indica que sim. Mas por enquanto o que sinto é que ela, mais do que abrir, encerra um ciclo que foi interrompido – abruptamente, por mim próprio – com o "Para onde vai a luz quando se apaga?", último trabalho de grupo que fiz em 2007. E foi por sentir que o ciclo estava incompleto que me aventurei e voltei a perguntar (agora sem interrogar) "O que fazer daqui para trás". Este trabalho ocupa por isso o lugar de intervalo criado pela dúvida sobre o que acontece quando a luz se apaga e a impossibilidade de resposta que ela carrega.

O "para trás" do título não nos leva só a 2007. Leva-nos também a 1990, ano em que fiz a minha primeira peça de grupo, o "Retrato da memória enquanto peso morto" (mal tinha começado e já a memória me pesava) e que deu origem a esta aventura a que chamámos RE.AL. No "Retrato...", o primeiro contacto que o público tinha com o espetáculo era através da projeção de um vídeo que ocupava uma parede enorme da sala que servia como antecâmara para o espaço do Convento do Beato onde os performers "faziam a espera" aos espectadores. Nele podia-se ver o Nuno Bizarro a correr nas arcadas do Santuário do Cabo Espichel, sem parar, para lado nenhum. 25 anos depois continuamos a correr, só que agora existe um lugar onde queremos chegar: àquele ponto em que o corpo deixa de poder (de ter, de trazer), apresentando-se (oferecendo-se) vazio, aberto, presente. Numa palavra: potente.

João Fiadeiro, novembro 2015

Time present and time past
Are both perhaps present in time future
And time future contained in time past.
If all time is eternally present
All time is unredeemable.

O tempo presente e o tempo passado
Estão ambos talvez presentes no tempo futuro,
E o tempo futuro contido no tempo passado.
Se todo o tempo está eternamente presente.
Todo o tempo é irredimível.

T. S. Eliot

SOBRE A COMPOSIÇÃO EM TEMPO REAL DE JOÃO FIADEIRO

Até aqui, antes de dar início a um trabalho de grupo, aquilo que João Fiadeiro colocava em cima da mesa no primeiro dia de ensaios nunca era a questão mas o modo; nunca era o "quê" mas o "como"; nunca era o "afeto" mas o "método". A Composição em Tempo Real (CTR), prática que deu corpo a esta forma de abordar a composição e que Fiadeiro desenvolve desde 1995 foi, durante muito tempo, uma "máquina de produção de acontecimento" onde a questão do afeto não aparecia diretamente na sua equação. Não porque se negasse a essa presença ou influência no ato criativo, mas porque durante muito tempo Fiadeiro não soube resolver a contradição entre a necessidade de des-sujeitar o corpo do performer (de forma a que se torne coisa, premissa central na prática da CTR) e, simultaneamente, ativar afeto enquanto força motriz das suas decisões e ações.

Passados 20 anos de trabalho ininterrupto a instigar, investigar e dissecar os modos como a composição em dança opera (no tempo-real de uma improvisação ou no tempo-suspenso da escrita coreográfica), João Fiadeiro conseguiu finalmente, com este novo trabalho (e fruto do trabalho intenso que desenvolveu nos últimos anos com Fernanda Eugénio, Carolina Campos, e Daniel Pizamiglio), inverter a ordem dos fatores e colocar em cima da mesa, antes de mais (antes de tudo), o "afeto". Não se pode pedir a ninguém que participe (seja no que for) às escuras. A confiança – ingrediente indispensável para a colaboração – não pode ser cega. Mas – e é neste "mas" que reside o trabalho – também não pode ser iluminada. Se retirarmos o "afeto" da penumbra e lhe apontarmos a luz (se lhe apontarmos o dedo), estaremos muito provavelmente a assinar a sentença de morte daquilo que nos toca e move, mesmo antes de ganhar corpo. Por isso, mais uma vez, como com o "tempo" (como com tudo), terá de ser qualquer coisa entre os dois. A meio caminho entre a luz e a sombra, entre a presença e o esquecimento , entre o acontecido e o que está por vir.

O processo colaborativo de "O que fazer daqui para trás" reflete com precisão esta inquietação. A partir do momento em que todos se afetaram (se infetaram) pela questão, a partir do momento em que desenharam um dispositivo que acolheu o "afeto" o trabalho foi simplesmente o de se deixarem ir, de ficar à escuta, de ficar à espera. O resto aconteceu.

JOÃO FIADEIRO

Pertence à geração de coreógrafos que emergiu no final da década de oitenta e que, na sequência do movimento "pós-moderno" americano e dos movimentos da *Nouvelle Danse* francesa e belga, deu origem à Nova Dança Portuguesa. Grande parte da sua formação é feita entre Lisboa, Nova Iorque e Berlim, tendo depois sido bailarino na Companhia de Dança de Lisboa (86-88) e no Ballet Gulbenkian (89-90). Em 1990, fundou a Companhia RE.AL que, para além da criação e difusão dos seus espetáculos, apresentados com regularidade um pouco por toda Europa, Estados Unidos, Canadá, Austrália e América do Sul – acompanhou e representou artistas emergentes, ao mesmo tempo que no âmbito da programação do Atelier RE.AL, acolheu artistas em residência e apresentou artistas e eventos transdisciplinares. Entre 1995 e 2003, colaborou com os Artistas Unidos na qualidade de responsável pelo "movimento dos atores", tendo encenado, para essa companhia, dramaturgos como Samuel Beckett, Sarah Kane ou Jon Fosse. Entre 2011 e 2014, codirigiu, com a antropóloga Fernanda Eugénio, o centro de investigação AND_Lab em Lisboa, uma plataforma de formação e pesquisa na interface entre criatividade, sustentabilidade e quotidiano. Após uma pausa de 6 anos em que se dedicou exclusivamente ao processamento e sistematização do método de Composição em Tempo Real, cruzando a sua investigação com áreas científicas como a neurociência ou as ciências dos sistemas complexos. João Fiadeiro tem orientado com regularidade workshops em diversas escolas e universidades nacionais e internacionais. Atualmente, frequenta o doutoramento em Arte Contemporânea do Colégio das Artes da Universidade de Coimbra.

É Artista Residente do Teatro Viriato no quadriénio 2018-2021.

24
NOV

ter 21h00

© Antonito Photography

FAUSTLESS
de MARGARIDA BELO COSTA

ESTREIA

Em momentos de insegurança e/ou de conflito, surgem soluções lógicas que satisfazem mordomias humanas insaciáveis. O rumo que cada um toma como "caminho certo" é imprevisível, e o destino encarrega-se de o conduzir à sua sorte. Somos o que construímos – multiplicamos o que apreciamos. Para o bem e para o mal, havemos sempre de lidar com o eco do nosso pensamento.

Inspirado nas figuras femininas que integram a obra literária "Fausto", de Goethe (1749-1832), "FAUSTLESS" reflete sobre o papel da mulher enquanto protagonista de vários quadros do percurso de um homem que é conduzido dramaticamente entre o bem e o mal. Estas mulheres têm em comum a função de "servir" a história de um homem que, de certa forma, se apropria da sua existência para seu usufruto, salientando que o seu objetivo primordial de vida é a "procura do conhecimento ilimitado".

Partindo deste estímulo, as personagens femininas são convidadas a visitar a contemporaneidade a questionar o seu papel histórico. Simultaneamente, é desenvolvido um paralelismo com um quotidiano próximo de qualquer episódio real, semelhante aos dias de hoje. Tornam-se humanas, transversais a qualquer religião, poder, raça e política. Dá-se a conhecer o potencial máximo de cada personalidade,

criam-se ligações entre personagens outrora inexistentes, relações, visões semelhantes ou completamente díspares – deixam de ser goetheanas tornando-se dignas de uma história individual.

Margarida Belo Costa

// 50 min. aprox. // m/ 6 anos

Direção artística, coreografia e interpretação **Margarida Belo Costa** · Interpretação **Ester Gonçalves e Teresa Alves da Silva** · Direção técnica e desenho de luz **Filipa Romeu** · Edição musical e figurinos **Margarida Belo Costa** · Músicas **Egnar Kanding, Hildur Guðnadóttir, João Domingos Bomtempo, Johann Sebastian Bach, Pan Sonic, Pleq, William Basinski** · Apoio ao conceito e à dramaturgia **Elson Ferreira** · Produção **Margarida Belo Costa** · Apoio à produção **Teresa Alves da Silva** · Apoio **Fundação Maria Magdalena de Mello, CAB - Centro Coreográfico Lisboa e Esola Superior de Dança - Instituto Politécnico de Lisboa** · Agradecimentos **CAB - Centro Coreográfico de Lisboa, Fundação Maria Magdalena de Mello, Inês Pedruco, Pedro Alves e Paula Garcia**

MARGARIDA BELO COSTA

Iniciou o seu percurso no Atelier da Dança, que entretanto se torna, Escola Vocacional de Dança das Caldas da Rainha. Diplomada pela Royal Academy of Dance, os seus estudos desenvolveram-se paralelamente com a Dança Moderna e Contemporânea.

Em 2004, ingressou como bailarina no Grupo Experimental de Dança (EVDCR). Licenciada pela Escola Superior de Dança, termina o 1º ano do Mestrado Profissionalizante em Educação ESD-IPL. Como intérprete, trabalhou com várias companhias, destacando as digressões nacionais e internacionais, Luxemburgo, Roménia, Dinamarca, China, entre outros. Colaborou com: Companhia Quorum Ballet (2013/14); Teatro Mosca (2014/15 e 2019); Teatro Meridional (2016); |acsc| com São Castro e António M Cabrita (2016); Companhia de Dança Contemporânea de Évora (2017/2018); Teatro Nacional São Carlos (2018); Companhia Paulo Ribeiro (2018/2019); O Espaço do Tempo (2019) e Henriett Ventura e Xavier Carmo (2019).

Como criadora, apresentou as peças: "Step 1" para o GED-EVDCR (2012); "displaced episodes" – BOX NOVA – Centro Cultural de Belém (2015); "Fall Out" – Projecto Quorum (2016); "The Place To Be" (2016) para a D.C. Companhia Jovens Bailarinos; cocriou a peça "Who Do You Want To Be Today?" com Elson Ferreira para o Festival *MUSCARIUM#2* (2016); "Excuse Me Sir, How Many Stories Can Fit In This Hotel Room?" para a Companhia Projeto M (2017); "Too Loud Too Specific" em cocriação com Elson Ferreira (2018); "Promise" (2018) para a Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo; "p.s. Carmen" (2018) para a Companhia de Dança de Almada; "Our Last View" Teatro Alighieri, Ravenna, Itália (2019) e "Unplug" para Performact – Torres Vedras (2019).

Professora em várias escolas de dança em Lisboa, foi convidada a lecionar em cursos e workshops, destacando a Escola Superior de Dança, IPL; os Estúdios Vitor Córdon; o CAB – Centro Coreográfico Lisboa; a Escola da Companhia de Dança de Almada; a Quorum Academy; a Academia Mdance; a Dance Factory; o Studio K; o Orfeão de Leiria; o Conservatório Internacional de Ballet e Dança Annarella Sanchez; a DNA – Dance N'Arts; a Formação Olga Roriz – FOR Dance Theatre; a PLATE-FORME AWA – Luxemburgo; a Be Summer – Performact, a Ent'Artes, entre outros.

De momento lecciona na Escola Superior de Dança (IPL), na FOR Dance Theatre – Formação Olga Roriz, na Academia Mdance e na Dance Factory Estúdios.

ESTER GONÇALVES

Iniciou o seu percurso na dança em 2011, aos 14 anos de idade com aulas de dança clássica e contemporânea na Quorum Academy. Entre 2012 e 2014 integra o "Projecto Quorum", uma jovem companhia criada pela academia de dança homóloga, trabalhando com coreógrafos como: Daniel Cardoso, Gonçalo Lobato, Elson Ferreira, Filipe Narciso, Inês Godinho e Jácome Filipe. Em 2013, é convidada a frequentar as aulas da Quorum Ballet, e em 2014 entra como estagiária e participa nos ensaios e espetáculos da companhia. Em 2015, torna-se membro da companhia como bailarina profissional e, até Julho de 2018, participou em todos os espetáculos e criações (nacional e internacionalmente), incluindo uma residência internacional de um mês na China, em Janeiro de 2018, com a coreógrafa

Xie Xin, e trabalhos de Donald Byrd, Daniel Cardoso, Jácome Filipe, Elson Ferreira e Inês Godinho. Com a companhia atuou em Portugal, Dinamarca, China, Finlândia, Alemanha, Suíça, Espanha e Roménia.

Em Julho de 2018, torna-se *freelancer* e participa na "Metamorphosis International Residency" com Iratxe Ansa e Igor Bacovish, integra o elenco da nova criação da Companhia de Actores, "A Dança das Raias Voadoras" e da Ópera do Teatro Nacional São Carlos "Alceste", uma obra de Gluck. Em Setembro de 2019, participou na criação "LAST" de São Castro e António M Cabrita, da Companhia Paulo Ribeiro, e recentemente integrou o elenco de "Orphée et Eurydice" com encenação de Denis Chabroullet e direção coreográfica de São Castro e António M Cabrita, em Paris.

TERESA ALVES DA SILVA

Formou-se na Academia de Dança Contemporânea de Setúbal. Foi bailarina principal na CeDeCe, Ballet Gulbenkian e na Companhia Atterbaletto. Alguns dos nomes mais relevantes que compõem o seu percurso artístico são: Mats Ek (Solo for Two), Jiri Kylián, Ohad Naharin, Angelin Preljocaj, Didy Veldman, Mauro Bigonzetti, Stijn Celis, Rui Horta, Itzik Galili, Jan Kodet, Paulo Ribeiro, Vasco Wellenkamp, Olga Roriz, Rodrigo Pederneiras, Vera Mantero e Michele Merola. Fundou com André Mesquita a TOK'ART em 2007, como codiretora artística e bailarina.

Em 2009, conquistou o 1º prémio de interpretação com o solo "Lake", de André Mesquita, no *13º International Solo-Tanz-Theater* (Estugarda). Pela relevância do seu olhar analítico como assistente de coreografia e diretora de ensaios, em 2013, remontou a peça "See Blue Through" de Didy Veldman, para a Phoenix Dance Theatre e em 2018 para o Ballet da Ópera de Leipzig.

Como *freelancer* participou nas peças: "A Parede" de Miguel Moreira; "Estado de Ex-cepção" de Rui Horta; "Jim", "A Festa (da Insignificância)", "Walking With Kylián - Never Stop Searching" de Paulo Ribeiro; "Uníssono - composição para 5 bailarinos" de Victor Hugo Pontes; "Salto" de André Mesquita (*Prémio Melhor Coreografia* SPA 2014) e "LOOP" de Sérgio Diogo Matias. A convite de Sonia Zha, diretora no National Centre for the Performing

Arts (NCPA), participou no *3rd Beijing International Ballet intensive course* como professora de dança contemporânea.

Em 2017, participou como professora de técnica clássica no XXII Estágio de dança de Aveiro e em 2018 no 1º Curso Intensivo – BalletVita. Desde 2017 é professora da disciplina de dança contemporânea na escola profissional FOR Dance Theater de Olga Roriz. Participou no documentário "Aires Mateus: Matéria em Avesso", do realizador Henrique Câmera Pina e no "Lisbon Under Stars", da produtora OCUBO com coreografia de Clara Andermatt. Em 2018, fez a remontagem coreográfica da Ópera "La Traviata", de Giuseppe Verdi, encenação de Pier Luigi Pizzi para o Teatro São Carlos e participou como bailarina no projeto de investigação de Sylvia Rijmer "Black Box Projects" com os temas *Cognition & Dance* (FCSH-Universidade Nova de Lisboa) e *Moving Digits* (Hochschile Dusseldorf - University of Applied Sciences).

27
NOV

sex 21h00

© Joana Rodrigues

TIMBER

direção ROBERTO OLIVAN | interpretação musical DRUMMING GP
COMPANHIA INSTÁVEL

"TIMBER" é uma viagem às profundezas da nossa existência, uma visita a cada recanto que deixámos de visitar devido ao medo, ignorância ou abandono de nós mesmos. Uma desconexão pessoal daquilo que nos une à nossa única e autêntica natureza.

"TIMBER" é um ritual que anseia por uma resposta urgente à auto-destruição que temos construído ao longo dos anos. As premissas e valores que considerámos indicadores válidos de progresso não valem nada. O ritmo que retumba na madeira repetitivamente, criando um transe hipnótico que simboliza o desejo de quebrar as barreiras que limitam o ser humano, mergulhando na liberdade que cada um vê à sua maneira, agitando a sua própria bandeira.

"TIMBER" é uma tentativa final de reaver a nossa conexão com o mundo vivo, que tem as suas próprias dinâmicas ditadas pela luz e escuridão, dia e noite, pelo tempo, que tem o seu próprio ritmo, que vai para além do nosso controlo. Aceitar ou morrer. Entrar ou sair. Integrar ou dividir.

Nas palavras do diretor artístico, Roberto Olivan:

60 min. // m/ 12 anos

Direção **Roberto Olivan** · Assistente de ensaios **Cátia Esteves** · Criação e interpretação **João Cardoso, Ricardo Machado, Lara Serpi, Liliana Garcia, Joana Couto e Liliana Oliveira** · Música **Michael Gordon** Direção Musical **Miquel Bernat** · Interpretação musical **Drumming – Grupo de Percussão (André Dias, Daniel Araújo, João Miguel Simões, Jorge Pereira, Miquel Bernat e Pedro Góis)** · Desenho de luz **Ricardo Alves** Figurinos **Pedro Azevedo** · Técnico de som **Suse Ribeiro** · Produção **Companhia Instável** Produção executiva **Rita Santos** · Coprodução **Theatro Circo** · Apoio **Mostra Espanha 2019, Embaixada de Espanha em Lisboa e I-Portunus** · A Companhia Instável é apoiada pela **República Portuguesa - Cultura/Direção Geral das Artes e pelo programa "Bolsas para a formação Fundação GDA"**

ROBERTO OLIVAN

Fundador da ROPA – Roberto Olivan Performing Arts – e diretor artístico e fundador do *Festival Deltebre Dansa*, o coreógrafo catalão iniciou a sua formação no Institut del Teatre, em Barcelona, e na P.A.R.T.S, em Bruxelas. Deu os primeiros passos como intérprete profissional na Companhia de Dança Rosas, dirigida por Anne Teresa De Keersmaeker, e dançou sob a direção de Robert Wilson, Tom Jansen e Josse de Pauw, entre outros. Com vários prémios e nomeações atribuídos, atualmente Roberto Olivan trabalha como coreógrafo para diversos projetos e leciona workshops a nível mundial, trabalhando, também, como coreógrafo e intérprete na indústria do cinema, para além de integrar a direção artística de importantes eventos culturais e ser júri em competições de dança.

COMPANHIA INSTÁVEL

É um projeto sediado no Porto, cujos objetivos se centram no desenvolvimento da dança contemporânea, através da criação de oportunidades profissionais a intérpretes de dança contemporânea.

No seu projeto *Lugar Instável*, sediado no Teatro Campo Alegre, são desenvolvidas residências artísticas para jovens criadores e é disponibilizada uma oferta formativa na área

da dança e outras complementares, dirigida a profissionais e estudantes interessados em aprofundar os seus conhecimentos e competências.

Anualmente a Companhia Instável convida um coreógrafo de renome internacional a criar para e a partir de um conjunto de jovens intérpretes selecionados por audição, que entrarão em residência coreográfica, para depois apresentarem o trabalho final em palcos nacionais e internacionais.

Em 2019, a convite da Companhia Instável, o coreógrafo Roberto Olivan criou "TIMBER", com música original de Michael Gordon interpretada, ao vivo, pelo Drumming GP.

Os coreógrafos convidados pela Companhia Instável foram, entre outros: Nigel Charnock, Bruno Listopad, Wim Vandekeybus, Rui Horta, Madalena Victorino, Sofia Dias, Vítor Roriz, Victor Hugo Pontes, Hofesh Shechter, Gregory Maqoma, Tiago Rodrigues, Emmanuelle Huynh, Laurence Yadi, Nicolas Cantillon, Mafalda Deville, Willi Dorner e, mais recentemente, o conceituado coreógrafo catalão Roberto Olivan.

No seu todo, o projeto cria uma vitalidade com repercussões, não só na valorização profissional, como na valorização artística, cultural e filosófica.

DRUMMING GRUPO DE PERCUSSÃO

É um ensemble de percussão vocacionado para a música contemporânea, fundado e dirigido por Miquel Bernat, no Porto, em 1999. Desde então, tem-se afirmado como um dos mais importantes coletivos do género a nível internacional, contribuindo para a inovação sonora sem descuidar as vertentes didático-pedagógica e social. Drumming-GP tem estado intimamente ligado à evolução da percussão erudita em Portugal, tendo ganho a simpatia do público e da crítica. Hoje é uma referência no panorama musical português, contando com atuações nas principais salas de concertos do país. O grupo empenha-se em manter a coerência estilística e temática, percorrendo as vias da inovação sonora e da poética do espetáculo enquanto momento cénico único e total.

ACOMPANHA-NOS NESTA DANÇA

amigos

Vivace Dão · Quinta do Perdigão • **Andante** Seridois • **Adágio** Ana Cristina Santos Almeida • Ana Lúcia Peres • Ana Maria Albuquerque Sousa • Ana Paula Ramos Rebelo • Centro de Saúde Familiar de Viseu, Lda. • Conceição e Ricardo Brazete • Eduardo Melo e Ana Andrade • Fernando Gomes Morais • Isaías Gomes Pinto • Joana Santareno Ferreira • João José da Fonseca e Maria José Agra Regala da Fonseca • José Luís Abrantes • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Maria da Conceição Saldanha • Maria de Fátima Ferreira • Maria de Lurdes Poças • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João Obrist • Nanja Kroon • Paula Costa • Paula Cristina Cardoso • Paula Nelas • Raquel Balsa • Renato Lopes e Margarida Leitão • 3XL-Segurança Privada • **Júnior** Beatriz Afonso Delgado • Gaspar Gomes • Teo Simon Delgado • E outros que optaram pelo anonimato.

MECENAS

BPI | Fundação "la Caixa"

VIDIS · GRÃO VASCO HISTORIC HOTEL AND SPA · MOVECHO · GOUCAM · copyvis

APOIO

Freguesia de Viseu

APOIO À DIVULGAÇÃO

PALÁCIO DO GELO SHOPPING · forlife · FORUM VISEU · VISEU RETAIL PARK · CENTRO HOSPITALAR TONDELA | VISEU, EPE · VISEU NOW

Patrícia Portela *Direção Artística* • Sandra Correia *Direção Administrativa e Financeira* • Maria João Rochete *Coordenação de Produção* • Carlos Fernandes *Produção* • Paulo Matos *Coordenação Técnica* • Nelson Almeida e João Rodrigues *Técnicos de Palco* • Ana Filipa Rodrigues e Liliana Rodrigues *Comunicação e Imprensa* • Marisa Miranda *Comunicação* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Coordenadora de Frente de Casa e Bilheteira* • Susana Cardoso *Assistente de Bilheteira e Comunicação* • **Consultores** Maria de Assis Swinnerton *Programação* • Marisa Miranda *Comunicação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Eletricidade* • Contraponto *Contabilidade* • José António Pinto *Encarregado da Proteção de Dados* • Info Things *Informática* • Cathrin Loerke *Design Gráfico* • Carlos Fernandes e Raquel Balsa *Fotografia de Espetáculo* • **Colaboração Especial** José Fernandes • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Diana Santos, Catarina Loureiro, Filipa Antunes, Francisco Pereira, Hugo Freitas, Joana Silva, João Almeida, José Vaz, Luís Sousa, Natália Rodrigues, Roberto Terra, Ricardo Meireles e Sandra Amaral

teatroviriato

estrutura financiada por: REPÚBLICA PORTUGUESA CULTURA · dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES · MUNICÍPIO DE VISEU